



GIL VICENTE

Semanario monarchico-integralista
(Literario e Noticioso)
Orgão e propriedade da
Junta Municipal de Guimarães
Redac. e Adm.: AVENIDA DO COMERCIO

Director:
D. José Ferrão.
Adm. e Editor:
Domingos F. Guimarães.
Comp. e imp.: MINERVA RIBEIRO
Rua de Gil Vicente, 34 e 36—GUIMARAES

VISITACÃO
*Pardiez! siete arrepelones
No pegaron a la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascanes
VÁQUEIRO*

A MONARQUIA

Horas de incerteza para a Patria são horas de recolhimento para os que a amam. Nunca, como hoje, o temor da catástrofe, que se avizinha ameaçadora, sugere o ansioso exame dos acontecimentos, as tentativas para descobrir, no turbilhão dos preságios, um caminho franco ou uma luz que sirva de firme finalidade a um acto de fé que nos redima.

A nuvem que começou a enturbar o céu dos destinos de Portugal — primeiro o liberalismo, depois esta fantochada grotesca da republica — afogando em trevas, a pouco e pouco, a sua altiva estrela, enturba também os espiritos que á vida e á honra da Patria se sentem indissolavelmente ligados. Nunca, como hoje, se sente quanto de grandioso encerram os nossos principios para resgate de uma Nação oprimida e vexada.

Perante o naufragio iminente que a propaganda primeiro e os principios demagogicos depois, provocaram, poucos deixarão de pensar no mal e só quem não tiver consciencia nem coração para ter patria poderá prosseguir no mesmo errado caminho de principios falsos de ideologias democraticas.

A todos se impõe um profundo exame de consciencia, uma abdicacão de tudo quanto já pensamos e já agimos, para que nos deixemos absorver inteiramente pela ideia da libertação por um caminho franco de regeneração moral e politica.

É esse caminho franco ou essa luz que nos inflama—o regime republicano?...

Não queremos já discutir o erro dos principios, tão crasso que a propria vida do regimen, resumindo-se a uma guerra interminavel entre bandos, prova a impossibilidade de serem postos em execucao. Mas a historia da republica, traducção em factos da inferioridade desses principios, é um estandal que, bem considerado por todos os que tenham olhos e os não queiram fechar, conclue de uma forma irrecusavel pela condenação do regimen, das doutrinas em que se baseia, do espirito que o informa, da estrutura moral dos seus homens.

Por mais que dentro da republica se queiram varrer responsabilidades ou subtrair as instituicoes ás acusações que o tempo se tem encorajado de confirmar, a verdade é que a obra republicana é comum a todos os que serviram e servem a repu-

blica, desde os ócos tribunais que a crearam até ao mais vil formiga que a defende; desde o déspota mais demagogo ao mais tolo rante dos seus ministros. A obra republicana, nascida do liberalismo, é um bloco funebre que necessario se torna combater. Por isso não ha que pensar em soluções nacionais dentro da republica, pois a propria republica é anti-nacional seja qual for a apparencia sob que se disfarce. Não ha republicas, ha republica.

Positivamente não é pelas mãos dos republicanos que Portugal encontrará o caminho da redenção. Por caminhos republicanos somos conduzidos entre burocratas e a cada passo crescem os espinhos, os abismos e a desgraça. E cresceram ellas a tal ponto e são tantos os monstros que nos travam ameaçadoramente os passos que, mesmo entre os republicanos que o tinham esquecido, se lembram com remorso e sobresalto de que são portugueses tambem e de que é um crime que mata de vergonha o facto de obrigarem a Patria, que é Mãe suprema, a trilhar uma senda de irremediavel catástrofe!

A republica, como o liberalismo, são os inimigos. A nada mais devemos a proximidade da morte! Sob mscaras diferentes, o coração é o mesmo.

Só variam os processos de levar o programa a cabo. Sob o mando de uns, sofremos mais, sob o mando de outros, sofremos menos—mas a Nação perde quasi o mesmo sob o governo de qualquer deles.

Somos monarchicos integralistas. Interessa-nos a republica pelo mal que á Patria causa. Não nos interessam os seus homens, seja de Ferrabraz ou de vizarista a cara com que nos olham, porque eles são meros detalhes, encarnações efémeras, da assombrosa agonia nacional.

A republica, para nós como para a Nação, continua sendo o mesmo fantasma de catástrofe em que o sangue mancha o que o luto não cobre. Radical ou conservadora, radicalissima ou conservadorissima, o seu programa, que é a sua razão de ser, o sangue e os nervos da sua vitalidade, é o mesmo, sempre o mesmo, e é servido igualmente por todos os seus homens, sob qualquer etiqueta que se agrupem.

O caminho, o unico caminho a seguir, é o caminho triunfal da Monarquia dos Municipios e das Corporações, que nós pre-

conizamos. Só ella tem por alma das suas doutrinas, por léma dos seus homens, por fim de toda a acção—a ideia da Patria que hoje urge que domine a todos os portugueses.

Não ha que pensar em meios remedios. Há que buscar a salvacão através de tudo. Não ha que pensar em prolongamento da agonia—ha que pensar na cura; e a cura unica e fundamental está na Monarquia, só na Monarquia, só nos principios que defendemos. Não ha um facto que o não steje irrevogavelmente.

Defendamos, pois, incessantemente, e por toda a parte os principios patrioticos em que se fundamenta o Integralismo, num acto de fé que nos salve como Patria e nos consagre como Raça.

M.

A luta contra a republica deve ser feita por todos os bons portugueses que semma de tudo coloquem o bom nome e interesse da sua Patria!



D. Miguel II

*Espelho da virtude, um povo sem grilhão,
Em Imortal deixou seu viver fulgidouro;
Abrindo o Mundo ao Mundo em bilhantismo d'ouro,
Jamais guardou a espada em luta á servidão.*

*Um dia nuceu parda, em dupla escuridão,
Lhe vem atar de luto o nome imorredouro,
Não é Castela inimiga ou fero e perro mouro,
É um irmão traidor, da Patria a negação.*

*Vencido de Marat, de Concha e Albion,
De Judas nada quiz, nem o mal de Danton;
É nobre de pobreza antes só se quiz côr.*

*É condenado á morte entre a gente a mais vil,
Portugal desterrado, Além, em terra hostil,
É ele o Rei-Soldado a honra do Dever.*

Ponte e SOUSA.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL E AGRICOLA CONCELHIA

FESTAS GUALTERIANAS

PROGRAMA GERAL

DAS FESTAS E DO CONCURSO HIPICO OFICIAL

O programa das grandiosas Festas da Cidade vai ser distribuido profusamente por todas as terras do País.

Vai já talvez a caminho dos recantos de Portugal.

É um hino de gloria espalhado por toda a parte, é o pendão de victoria que o trabalho dos Vimaraneses agita com amor.

«A Associação Commercial de Guimarães tem a consciencia da responsabilidade que assumiu e não a deturpará engrinaldando com louvaminhas de cartão pintado ou com as jóias falsas do elogio um programa, que representa a maior soma de energias congregadas e dispendidas no concelho, de há quarenta anos a esta parte.»

SÁBADO, 4 de Agosto:

A cidade, que será despertada por salvas de morteiros e aruar festivo de várias bandas de música, apresentará aos forasteiros um aspecto feérico nas ornamentações das seus largos e ruas, que este ano serão apresentadas a capricho.

Féras francas de gado bovino e suino, com prémios aos melhores exemplares, no Largo da Republica do Brasil.

Abertura solene da Exposição, com a assisténcia do Sr. Ministro do Comércio.

O Orfeão de Guimarães abrihantara este acto, bem como várias bandas de música.

A NOITE — Arraial Minho'o no Largo da Republica do Brasil.

Concerto pela banda dos Bombeiros V. de Guimarães.

Fogo de artificio — Descantes populares — Concerto pela banda do Regimento de I. 20, no recinto da Exposição.

DOMINGO, 5:

Féras de gado cavalari, a que concorre a Comissáo da Remonta do Exército, no Largo da Republica do Brasil.

Cuioso simulacro de incendio, pela benemérita corporação dos Bombeiros Voluntarios.

Chegada da Banda do Comandante G. da G. N. R. de Lisboa. Primeira prova do Concurso Hipico Oficial.

Visita de uma esquadilha de aviacão.

A NOITE — Concerto pela magnifica banda do Comandante Geral da G. N. R. de Lisboa, sob a regencia do maestro Fernandes Fão, composta de 110 executantes, no recinto da Exposição.

Iluminações gerais, de efeito surpreendente. Fogo de artificio, confeccionado especialmente pelo pirotécnico José de Castro, de Viana. Concertos pelas bandas paesanas em todas as ruas da cidade.

SEGUNDA, 6, Último dia das Festas Gualterianas:

Continuação da Feira cavalari. Distribuição solene dos prémios aos melhores expositores de gado, no Largo da Republica do Brasil.

Segunda prova do Concurso Hipico.

Segundo Concerto pela Banda do C. G. da G. N. R. de Lisboa, no recinto da Exposição.

Deslumbrante Marcha Milaneza.

Concertos populares. Fogo de artificio. Descantes populares.

O horario dos diferentes numeros deste programa será distribuido nos proprios dias.

—No recinto da Exposição haverá serviço telegrafico postal e serviço permanente de restaurante.

—Iluminações de gosto, de arte e de efeito.

—Arraiais com todas as caracteristicas das festas do Minho, da-

nosso inquerito

O «Gil Vicente» resolveu colher impressões acerca da organização da Exposição Concelhia. Para tal fim abriu um inquerito entre os Vimaraneses que a força das circunstâncias tornou ausentes. O primeiro a responder ao inquerito que lhe dirigimos, foi o nosso presado conterrâneo e dedicado amigo Sr. Fernando da Costa Freitas, que, já por vezes, nos tem distinguido com o valiosíssimo concurso da sua brilhante colaboração, sempre tão apreciada pelos nossos leitores,—e que nos temos seguintes se refere ao que deve ser a Exposição Industrial e Agrícola Concelhia, a realizar em Agosto proximo.

... Redacção do «Gil Vicente» — Guimarães.

Meus Presados Amigos:

Desejam V. V... conhecer a minha opinião acerca da Exposição Vimaranesa a realizar proximo.

Dir-lha hei sem rodeios e apenas como vimaranense que tem hoje, como unica ambição, a maior gloria da sua Terra!

E-la:

Julgo-a uma ideia felicissima, admiravel, e assim, dignos dos maiores louvores e de toda a nossa gratidão, os seus intelligentissimos organisadores, nos quais, aliás, estou preso, ha muito, p' los laços do mais sincero e indestructivel affecto.

Quanto, porém, á sua duração,—vinte e sete dias apenas, segundo vejo anunciado,—julgo esse prazo limitadissimo, absurdo e direi até,—mesquinho! Desculpem-me, mas é assim mesmo.

Pois quê! Pode lá admitte-se que uma Exposição, como essa, que tanto dinheiro, tanto trabalho e tantos sacrificios tem custado,—e custará,—esteja aberta durante tão pouco tempo! Por Deus, reconsiderem!

Podem, talvez, objectar-me,

rante a permanencia da Exposição.

—No «Hippodromo José Minotes» haverá tambem serviço de restaurante.

—Caprichosas ornamentações dos prédios da cidade.

—Medalhadas de ouro, prata e cobre mencionadas em diplomas a conferir aos expositores.

10 Bandas de Música.
200 mil lúmas.

Comboios extraordinarios a preços reduzidos.

O Concurso Hipico é um número das grandiosas Festas da Cidade que começa a despertar já, e de principio, um entusiasmo vivo e crescente por parte dos Vimaraneses, revelando esse entusiasmo uma animadora prova de consolação levada ao carinho e esforço de quem se abalançou á ideia de um empreendimento que despertará nos apaixonados um intenso jubilo de concorrerem pela coragem ás dificeis provas de um concurso hipico.

Vai ser uma festa elegante e atraente.

O Comité de Honra é composto pelos Ex.^{mas} Srs. Ministro da Guerra; Ministro do Comércio; General Comandante da Divisão; Presidente da Camara Municipal; Presidente da Associação Commercial.

O Juri pelos Ex.^{mas} Srs.: Comandante Militar; Delegado do Ministerio da Guerra; Delegado da S. H. P.; Delegado do C. H. P.; Alfredo Ferreira e Francisco da Costa Guimarães.

Juizes do Campo os Ex.^{mas} Srs.: Tenentes A. Malheiro; José Marques Azevedo; José Guedes Gomes e Luiz C. Menezes.

que isso aumenta, consideravelmente, as despezas, os encargos, as responsabilidades.

Creio, absolutamente, que assim seja, mas, já agora, vão os sacrificios até ao fim!

Durante 27 dias quem poderá ir a Guimarães? Os nossos vizinhos de Fafe, de Famalicão, de Braga, de Vizela e de... S. Pedro de Azurém? Sem duvida.

Mas com certeza que a Exposição não se faz para ser admirada, unicamente, por esses. E, pois, preciso, é necessario, é indispensavel que ela possa ser visitada por todos os portugueses que estão nas condições de o fazerem, e estes não poderão visitar a nossa Terra dum jacto. As difficuldades da falta, ou deficiencia dos transportes, teriam de juntar-se as da falta, ou carencia, de alojamento.

Pensem nisto os meus conterraneos e alarguem, estendam, esse prazo, que o mesmo é dizer, permitam que Guimarães possa ser visitada pelo maior numero possível dos nossos compatriotas, justamente nesta época do ano em que um grande numero deles procura pisar, viajar, distrair-se.

Ainda nesta ordem de ideias, eu desejava que a nossa Exposição Concelhia, essa Grande Festa do Trabalho Vimaranesa, fôsse, não de três, quatro, ou cinco meses, mas permanentemente, sim permanentemente, e pudesse ser apreciada, em qualquer época do ano, por todas as pessoas que passassem por Guimarães, quer em simples visita de estudo,—e nenhum mais proveitoso do que este,—de recreio, ou de interesse proprio, quer em transitio para outro qualquer ponto do norte do Paiz.

Todos teriamos a lucrar com isso,—êles e nós.

E é esta, sumariamente, a minha opinião.

Fernando da Costa Freitas.
Lisboa, 12 de Julho de 1923.

Cronometristas os Ex.^{mas} Srs. Dr. Ricardo Freitas Ribeiro; Alberto Costa e tenentes Heitor de Almeida e João Malheiros.

Os serviços medicos e veterinarios são obsequiosamente desempenhados pelos Ex.^{mas} Srs. Capitães medicos: Moura Machado e Alberto M. Fernandes e pelo Ex.^{mo} Veterinario Sr. Guilherme Rodrigues.

Primeiro dia—5 de Agosto—I Omnium—II Nacional.

I Omnium—12 obstaculos.

1.º Prémio, 500 escudos; 2.º, 300 esc.; 3.º, 200 esc.; 4.º, 150 esc.; 5.º, 100 esc.; 6.º, 100 esc.; 7.º, 50 esc.; 8.º, 50 esc.; 9.º laço, 10.º laço.

II Nacional—12 obstaculos. Reservada a cavalos nacionais.

1.º Prémio, 400 escudos e menção honrosa ao creador; 2.º, 200 esc.; 3.º, 100 esc.; 4.º, 100 esc.; 5.º, 50 esc.; 6.º laço, 7.º laço.

Segundo dia—6 de Agosto—I Grande Prémio—II Taça de Honra.

I Grande Prémio—15 obstaculos.

1.º Prémio, 2000 escudos; 2.º, 1000 esc.; 3.º, 500 esc.; 4.º, 250 esc.; 5.º, 150 esc.; 6.º, 100 esc.; 7.º laço, 8.º laço.

II Taça de Honra.

1.º Prémio, Taça de Honra; 2.º laço, 3.º laço.

O total de prémios é de 6:300 escudos e uma Taça, oferta da Camara Municipal.

Preços dos lugares: Camarotes, 4500 avulso, 8000 assinatura; Tribuna numerada, 8000 avulso, 15000 assinatura; Tribuna, 7000 avulso, 14000 assinatura; Bancadas (sol), 1500.

Venda de bilhetes na Tabacaria Lemos.

Exposição Industrial e Agrícola

... O PORTO FEZ UMA FEIRA ...

... COM INDUSTRIAS DO PAIS ...

GUIMARÃES VAI FAZER UMA EXPOSIÇÃO

... COM AS INDUSTRIAS DO CONCELHO ...

Vimos a Feira do Porto. Que parte do país representava? O norte, o sul, o centro do país? Eram industriaes vindos de toda a parte para um grande mostruario das industrias nacionais. A encenação tornava interessante o conjunto. A nave central e galerias do Palaco de Cristal são unicas: não existe nada melhor, em cidades portuguesas, que tanto á maravilha calhe para um certamen expositivo.

Simplemente a nossa Exposição tem outro caracter mais salientemente notavel: é exclusivamente das industrias e da agricultura do concelho! Nenhuma terra portuguesa, que saibamos, ainda se abalançou a tanto. Nós vamos fazê-lo pela segunda vez. Temos fôlego para semelhantes provas? Disse-o dum modo bem eloquente a expozição de 1884. Escreveu o erudito homem de estudo que é o sr. Joaquim de Vasconcelos:

«Perante a exposição, perante semelhantes provas, não pode haver duvida no futuro; ha de ser difficil encontrar no distrito outro concelho digno de preferencia.»

E hoje, decorridos 39 anos, podemos acrescentar: ha de ser difficil encontrar, na relatividade da nossa população, terrinha portuguesa que mais rica e prospera seja em labor industrial!

*

A. L. de Carvalho.

«PATRIA-NOVA»

Sob a direcção do nosso presado amigo e dedicado integralista sr. Caetano dos Reis, tendo como secretario da redacção o sr. Padre Ramos Caldas e como editor o sr. Nicolau de Azevedo, saiu, no pretérito dia 11, em Lisboa, este brilhante jornal integralista, que tem como lema—«Por Deus, pela Patria, pela Monarquia».

No editorial—Ao que vimos—faz a sua afirmação de Fé nas virtudes da Monarquia integralista e, referindo-se ao silencio a que a Junta Central se votou, depois do pacto de Paris, diz, e muito bem, que esse silencio «não é a estagnação que pronuncia a morte. Representa uma pedra de toque das convicções politicas, qualquer coisa que depurou o agrupamento reduzindo talvez as suas hostes, mas restituindo-lhe certamente a coesão que as infiltrações da politica (no pior sentido da palavra) o puzeram em risco de perder.

«Que tinhamos razão quando nos revoltamos contra o contrato de Paris para o qual os organismos não tinham sido ouvidos—já toda a gente de boa fé o tem de confessar agora;—que tivemos fartos motivos para abandonarmos a actividade politica durante os meses decorridos,—tambem em breve se verá. Descansem os que se propõem entoar as trevas de agonia ao Integralismo:—nós não morremos ainda! E a nossa doutrina de tal forma gravou na mentalidade portuguesa que já não será possível apagá-la não depressa... As imitações fraudulentas do Integralismo que por aí apparecem, mais ou menos republicanas, mais ou menos monarchicas,—são a prova provada de que as nossas teorias, mesmo quando deficientemente interpretadas, venceram a repugnancia que primeiro por elas manifestaram os que se dão ao luxo de fazerem que pensam em politica,

Estes são os no-sos modernos brazões heraldicos. Fidalgos de tradições historicas, mas nobres igualmente pelos vinculos do trabalho. Já em tempos de D. Diniz Guimarães era uma terra celebre pelos seus artistas; hoje: ainda, apesar de tudo, somos uma terra celebre pelo fecundo e incessante esforço dado ao trabalho. Foi se a herança da nossa arte regional de ouriveseiros e passamanarias varias, mas sobem, Deus louvado, garrar ao proprio solo os officios não menos antigos de curtir e surr-ar o couro; de forjar e temperar o ferro; de serrar e polir o chifre; de fiar e tecer o linho; de amassar e modelar o barro. E como tudo o que é sujeito a transformações e traz a marca do progresso, assim nós avançamos nuns labores e recuamos noutros, mas sempre—e isto é que marca e honra o nosso patrimonio industrial!—preços e aferrados aos instrumentos do trabalho, umas vezes até, para contraste e para prestigio do nosso valor social, antepondo-lhes os instrumentos da defeza dos nossos muros, pois que sempre o burgo vimaranense se patenteou tão glorioso na paz como na guerra.

Recordar este quadro do que fomos, é afirmar o desejo de que o passado seja a garantia do nosso melhor futuro.

Se até o pitoresco e tremulo «Conselho Politico da Causa Monarchica» vai ser rejuvenescido com doses cautelosas do Integralismo, acrescentando-lhes representantes das Concelhos Distritais ou coisa parecida! O' servos da Carta e do Dr. Liborio, que fazeis!...»

Agradecendo a visita do brilhante baluarte da Causa do Resgate, a quem desejamos as maiores felicidades e longa vida, enviamos ao nosso dedicado camarada sr. Caetano dos Reis e a todos os que lutam na trincheira da «Patria-Nova», as nossas saudações muito sinceras de soldados lais da mesma Causa.

«Nação Portuguesa»

Por difficuldades de tipografia tem sido demorada a distribuição desta brilhante revista de cultura nacionalista, dirigida pelo sr. Dr. Antonio Sardinha, devendo, no entanto, sair muito brevemente e ao mesmo tempo os numeros 9 e 10.

CARTILHA MONARQUICA

CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 500 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

Ex.^{mo} Sr.

Uma carta

Guimarães, 20—7—923.

... Sr. Director do «Gil Vicente».

Como o nosso jornal vai sair consideravelmente melhorado por ocasião das Festas da Cidade, não podemos, daqui até lá, fazê-lo publicar, e, ainda, porque esse número não se presta a tratar dum assunto que temos o maximo interesse seja do conhecimento publico, vimos apelar para a solidariedade jornalista de V. a fim de o expor nas columnas do seu considerado jornal.

Es o assunto: A Camara Municipal, não sabemos porque motivo, parece desconhecer a existencia do nosso jornal, mas, tambem, nos leva a crer que esse «esquecimento» seja originado por certas «agulhadas» que debaixo da mais crueterosa razão lhe temos vibrado.

Vem isto a propósito de o nosso jornal não ter sido convidado para as várias reuniões que na Camara se tem realizado, quando o é toda a imprensa.

Embora o seu mais modesto elemento, é o «PRO VIMARANE» um orgão na imprensa.

Não abdicamos dos nossos direitos. Queremo-los respeitados por TODA A GENTE. TODA. O nosso lema está definido no titulo do nosso jornal.

E' por Guimarães e só por Guimarães que trabalhamos.

Dáta a quem doer, só temos este caminho a seguir.

Fica, pois, desta forma, lavrado o nosso protesto, e pedimos a V. o favor da publicação desta carta pelo que se confessa muito grata

A Redacção do «PRO VIMARANE».

Achamos justissimas, pelas razões exposta, o protesto dos nossos presados camaradas do «Pro Vimarane». Amigos dedicadissimos da nossa terra, por cujo engrandecimento e progresso lutam tenazmente, não vemos razão para que se abram excepções, SEJAM DE QUE NATUREZA FOR, para aquele nosso presado colega.

Lavramos tambem o nosso protesto contra semelhante facto e pode contar sempre o «Pro Vimarane», onde contamos amigos dedicadissimos, com a nossa mais lial camaradagem.

INTEGRALISMO!

—escel magifico de vontades e intelligencias moças ao serviço de uma ideia que é a imagem viva de Portugal liberta, emancipado, dignificado e redimido.

Alberto V. Braga

Foi nomeado correspondente do importante jornal lisbonense «O Diario de Noticias» este nosso presado amigo e distinto colaborador literario do nosso jornal.

Não pod á ter sido melhor nem tam feliz a escolha, paraquanto Alberto Braga, possuidor de belos dotes que o impõem á consideração e estima de todos, é, acima de tudo, um vimaranense dedicado que luta incessantemente pelo engrandecimento da sua terra. De esperar é que as suas correspondencias para «O Diario de Noticias» tenham sempre aquelle cumulo genuinamente laurista que ele sabe imprimir nos seus brilhantes escritos, tornando-os, assim, agradaveis a todos aqueles que, fora da sua terra, procuram avidamente noticias consoladoras que os ponham ao facto de tudo quanto de interesse se passe.

A Alberto Braga, com cuja amizade muito nos honramos, as nossas felicitações muito sinceras.